
_____. *Segurança, território e população*: curso no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

THERBORN, Göran. *Do marxismo ao pós-marxismo?* Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012.

VILELA, Eugénia. *Silêncios tangíveis*: corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.



A EDUCAÇÃO ÉTICA COMO VIA DA CIDADANIA COSMOPOLITA EM KANT

FERNANDO CARDOSO BERTOLDO¹

Resenha: KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. 2º ed. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora da Unimep, 1999.

O escopo da presente resenha consiste em explicitar na obra de Immanuel Kant *Sobre a pedagogia* por que e como a educação ética é o meio pelo qual a cidadania cosmopolita é alcançada, segundo Kant. Para isso, investiga-se a filosofia prática do referido filósofo, em sintonia com sua filosofia especulativa, analisando: 1. Sua concepção de ser humano, de moral e de educação; 2. A possibilidade de formação moral do caráter do ser humano e do alcance da ética por meio da educação a fim de que este se torne humano; 3. As condições imprescindíveis para que o ser humano aprenda a pensar por si mesmo, isto é, torne-se maior e esclarecido; 4. As exigências e implicações necessárias para o alcance da cidadania cosmopolita. Ao percorrer esse itinerário, intenta-se revelar a importância e a centralidade da educação no pensamento kantiano como meio para a construção da cidadania cosmopolita.

Como nos fala Rejane M. Schaefer Kalsingi:

A obra *Sobre a pedagogia* não teve, e continua não tendo, no meio acadêmico a atenção que merece. Isso deve, talvez, ao fato de ter sido publicada pela primeira vez em momento posterior ao chamado período crítico da filosofia kantiana, a saber, em 1803 (KALSING, 2010, p.1).

¹ Mestrando em Teologia na PUCRS.

Concordamos com esse pensamento e refletimos que “Além disso, outro fato que parece contribuir para isso é que foi publicada por um discípulo de Kant, denominado Theodor Rink” (KALSING, 2010, p.1).

Em Kant, a educação ocupa lugar central em sua antropologia moral. Ela tem dupla finalidade: formar o caráter e a autonomia do ser humano. É por meio dela que o ser humano se torna humano. Essa formação é sempre recebida de outrem – de uma geração que educa outra geração. Para isso, é preciso uma doutrina da educação (a pedagogia) que, por meio de uma didática ética, deve formar o caráter do ser humano. Essa formação exige que se ensine a agir segundo certos princípios – fornecidos pela razão. A educação moral consiste no ensino da virtude, que possui conteúdo e procedimentos metodológicos, que visa ao pleno desenvolvimento da liberdade humana. Ela (a educação moral) é entendida sob duas perspectivas: a física e a prática. A primeira consiste em formar os hábitos de higiene, os cuidados com a saúde e a conservação do corpo; a segunda se preocupa fundamentalmente com a formação do caráter. Formando o caráter do ser humano, forma-se sua consciência moral, a partir da qual ele age partindo de princípios – o que está em plena concordância com a ética kantiana. É a consciência moral, assentada na autonomia e advinda por meio da educação ética, que torna possível o estabelecimento da cidadania cosmopolita. Frente a isso, o problema que se impõe é: por que e como é possível que uma educação ética recebida de outrem, ou seja, heterônoma, imposta, conduza a uma cidadania cosmopolita que, por sua vez, é autônoma, esclarecida, livre?

Em Kant, a educação é mormente considerada tema secundário, ou seja, a educação está inserida na antropologia moral kantiana que corresponde à parte empírica da proposta ética – muitas vezes negada. Deve-se ter presente que sua ética se divide em ética propriamente dita e a antropologia moral ou prática. Esta

última institui-se por meio do Direito e da Educação. O nosso escopo centra-se sobre a Educação.

A finalidade da educação consiste na realização da liberdade por meio da universalização do pensar e do conhecer, bem como do agir. A educação moral é o cerne da proposta de educação kantiana e é para ela que devem convergir todos os esforços (em educação). É por meio dela que o ser humano torna-se humano. Aliás, uma possível definição de ser humano requer, necessariamente, a referência à educação moral. É também por meio da antropologia prática que o ser humano é capaz de acolher, em sua vontade, pela via da educação e do exercício, as leis morais em seus princípios e também assegurar sua eficácia, seja pelo aprendizado pela via da didática ética, seja pela força externa do Direito.

Considerando a importância da temática da educação no sistema kantiano, para melhor elucidar a tese que se quer defender, a saber, de que a educação ética é a via da cidadania cosmopolita em Kant, convém explicitá-la, a partir das ideias centrais sustentadas pelo filósofo de Königsberg na referida obra.

A primeira afirmação de Kant em *Sobre a Pedagogia* é a de que o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância, a disciplina (*Disziplin*) (que é negativa, pois consiste no seu desenvolvimento por meio do qual se tira do homem a sua irracionalidade) e a instrução (*Unterweisung*) (que é a parte positiva) que constituem a formação (*Bildung*). Não obstante a educação ser o mais árduo problema que pode ser proposto aos seres humanos, estes só podem se tornar verdadeiros seres humanos por meio dela. Em outras palavras, “o ser humano é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1999, p. 11).

Cumprir destacar que, nesse processo, a educação (que torna humanos os seres humanos) é sempre recebida de outrem pois, dado que o ser humano precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta e por não ter a capacidade

imediatamente de o realizar, mas vir ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo. É por isso que Kant sustenta que uma geração educa a outra. Além disso, cada geração deve dar um passo adiante, em relação às anteriores, em direção ao aperfeiçoamento da humanidade uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação. É dessa forma que a natureza humana será sempre mais bem desenvolvida e aprimorada pela educação. De posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e na conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. Porém, por mais aperfeiçoada que possa ser a educação, nenhuma geração pode criar um modelo completo e acabado.

Para que o ser humano se torne aquilo que deve ser, e que está latente em sua condição, por meio da educação, é necessário considerar diferenças de toda ordem, agir segundo os mesmos princípios. Isso porque na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que sejam compreendidos e aceitos. O dever do homem é produzir em si a moralidade. A razão prática (que efetiva a reflexão sobre o que acontece segundo as suas causas e efeitos) faz conhecer os princípios.

Para agir segundo os mesmos princípios é preciso mais do que treinar, disciplinar e instruir o homem: é preciso que ele seja ilustrado, que aprenda a pensar por si mesmo. A cultura moral deve fundar-se sobre princípios e não sobre a disciplina (*Disziplin*), pois a disciplina impede os defeitos e, os princípios, formam a maneira de pensar (*Dekungsart*). É preciso que se proceda de tal modo que se acostume a agir segundo princípios, e não segundo motivos. A disciplina gera um hábito que desaparece ao longo dos anos. É necessário que se aprenda a agir segundo certos princípios cuja equidade ela própria distinga. Todavia, se se

quiser fundar a moralidade, não se deve punir, pois a moralidade é algo tão santo e sublime que não se deve rebaixá-la, nem a igualar à disciplina.

Com isso, Kant defende uma cultura moral cujo primeiro esforço é lançar os fundamentos da formação do caráter. O caráter consiste no hábito de agir segundo certos princípios. Estes são, inicialmente, os da escola e, mais tarde, os da humanidade. A etapa suprema da educação é a consolidação do caráter, o qual consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática. Calha destacar que um dos maiores problemas da educação é o poder de conciliar a submissão ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade. Segundo Kant, “esse constrangimento é necessário” (KANT, 1999, p.32). Nesse ínterim, um dos questionamentos que emerge é: de que modo cultivar a liberdade? A resposta de Kant é a de que é preciso habituar o educando a aceitar que sua liberdade passa pela repressão de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade porque, sem essa condição, não haverá nele senão algo mecânico; e o homem, terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade.

Consoante o filósofo de Königsberg, para formar o caráter é necessário: i. Mostrar em todas as coisas um plano, certas leis, às quais devem ser seguidas fielmente, pois a obediência é um elemento essencial do caráter; ii. A veracidade: consiste no traço principal e essencial do caráter; e, iii. A sociabilidade: deve-se manter com as outras relações de amizade, e não viver isoladamente. Para solidificar o caráter moral é preciso ensinar, por meio de exemplos e com regras, os deveres a cumprir. Eles consistem em: Deveres para consigo mesmo: conservar certa dignidade interior, a qual faz do homem a criatura mais nobre de todas; é seu dever não renegar em sua própria pessoa essa dignidade da natureza humana.

Essa preocupação em transformar o modo de pensar e fundar solidamente o caráter de alguém é demonstrado por Kant no conceito de formação moral, pois a educação moral pode ultrapassar as causas naturais e as circunstâncias temporais e moldar a forma de pensar e caráter moral do agente. Para que isso se torne possível é necessário encontrar um método de educação prática, isto é, uma didática ética porque somente assim o bem ao qual a natureza propiciou a predisposição pode ser extraída dos seres humanos e estes, criaturas animais, podem tornar-se humanos, por meio da educação. Para explicitar como se deve aprender ética, quais os métodos que pais e mestres devem utilizar para ensinar ética e quais são os objetivos próprios da educação moral, torna-se indispensável uma doutrina da educação.

A pedagogia, ou doutrina da educação, se divide em física e prática (ou moral). A física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal; a prática ou moral é aquela que diz respeito à construção (da cultura - *Kultur*) do homem, para que possa viver como um ser livre. Esta última é a educação que tem em vista a personalidade, a educação de um ser livre, o qual pode bastar-se a si mesmo, constituir-se membro da sociedade e ter por si e em si mesmo um valor intrínseco.

Esses momentos acima descritos contribuem e convergem para o estabelecimento de um projeto educativo que visa à cidadania cosmopolita. Para isso, a educação deve formar o caráter, capacitando a agir sempre segundo os mesmos princípios, auxiliando as crianças a aprender a pensar por si mesmas (a desenvolver sua autonomia intelectual, moral etc.), ou seja, tornarem-se maiores e esclarecidas. Esse projeto educativo consiste em criar uma cidadania cosmopolita, possível em uma espécie de república ética universal. É digno de nota que, segundo Kant, por mais difícil que possa parecer o estabelecimento de um projeto educativo que visa à cidadania cosmopolita, a ideia de uma educação

que desenvolva no homem todas as suas disposições naturais é verdadeira absolutamente, é por isso que uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo.

Portanto, Immanuel Kant, além do legado deixado à política, ética, religião, antropologia, direito, tem sido tomado nos últimos tempos (depois de seus escritos de final de vida terem sido considerados como frutos de um período de senilidade) como referência no que diz respeito à educação. Graças a essa “redescoberta” dos seus escritos pode-se estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a Filosofia e a Educação. Esse diálogo é mais do que premente e necessário. A reflexão sobre a prática, as metodologias, as finalidades, os fundamentos da educação são de suma importância para que se saiba a quem se quer educar e para que(m) se quer educar (considera-se que as questões sobre o que educar e como educar foram priorizados em detrimento do a quem e para que(m)) e para que se tenha critérios estabelecidos para avaliar se os objetivos foram ou não atingidos. Repensar a educação a partir de seus fundamentos, como um fenômeno global, e de um modo sistemático e radical, em um contexto sócio, histórico, político, cultural, educacional, econômico, ideológico e axiológico cada vez mais interconectado, globalizado, plural, multicultural como o hodierno é tarefa que a Filosofia não se pode eximir. Para compreender e significar a prática educativa é fundamental que se reflita a respeito de questões centrais, como: que é educação? Que concepção de ser humano embasa o projeto educativo de um colégio, escola e/ou universidade? A partir de qual posicionamento ético se educa? A que e/ou a quem se educa? Para qual sociedade se educa? Entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

KALSING, Rejane Margarete Schaefer. *Kant e a Educação*. In: V Congresso Internacional de Filosofia e Educação na UCS. Caxias do Sul: RS. 2010.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. 2. ed. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora da Unimep, 1999.



A CRISE DO OCIDENTE

MIROSLAV MILOVIC¹

Resenha: *El Ocaso de Occidente*, de Luis Sáez Rueda, publicado em Barcelona, pela Herder, em 2015, em língua espanhola.

No livro *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*, do início do século XX, Husserl fala sobre a crise profunda do Ocidente. Esquecemos a nossa vida, a fonte doadora do sentido, reduzimos nossa consciência e estamos seguindo o caminho de um pensamento reificado. Estamos pensando, juntamente com a ciência, o que é e não o que poderia ser. Abdicamos de pensar as alternativas. Nosso pensamento não é uma potência, como nos sugeriu Spinoza. Nosso pensamento é tão-somente a pura repetição do mesmo. Por causa disso, temos que voltar para a filosofia, para a pergunta sobre o espiritual em nossa vida. A crise ocidental só tem duas saídas: ou o ocaso da Europa em um distanciamento de seu próprio sentido racional da vida, em um afundamento na hostilidade ao espírito e na barbárie, ou o renascimento da Europa a partir do novo espírito fenomenológico da filosofia.

Quase cem anos depois, a diagnose da crise do Ocidente volta no brilhante livro de filósofo espanhol Luis Sáez Rueda. E supera, eu diria, a própria diagnose

¹ Pós-doutor em Filosofia pela University of Ioannina (Grécia). Doutor em Filosofia pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Doutor em Filosofia pela Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main. Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília.